



UM OLHAR SOBRE A LÍNGUA ESTRANGEIRA NA EDUCAÇÃO BÁSICA COM BASE NA PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA

UNA MIRADA SOBRE LA LENGUA EXTRANJERA EN LA EDUCACIÓN BÁSICA BASADA EN LA PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA

Bruna Ramos Marinho¹

RESUMO: Os objetivos deste artigo são refletir sobre a principal abordagem de ensino de línguas estrangeiras que embasa a construção da prática docente presente nos documentos oficiais que regem a educação brasileira; compreender, à luz da Pedagogia Histórico-Crítica, o impacto das bases psicológicas e das teorias linguísticas presentes na abordagem para o planejamento de língua estrangeira; analisar a partir dos fundamentos que contribuições a Pedagogia Histórico-Crítica pode trazer ao ensino, especificamente, ao planejamento de língua estrangeira. Para tanto, por meio de um olhar da Pedagogia Histórico-Crítica e Psicologia Histórico-Cultural como referencial teórico, busca-se trazer as suas contribuições para pensar o ensino de língua estrangeira a partir da sua concepção de trabalho educativo e de como este se dá sob as orientações das atuais abordagens de língua estrangeira disponíveis aos docentes. Entendendo que um aporte teórico é fundamental para a construção intencional de uma prática pedagógica que se dirija a uma formação humanizadora, dispusemos esta reflexão para apontar as implicações que referenciais teóricos trazem ao em ao ensino de línguas estrangeiras, ao desenvolvimento do aluno da Educação Básica

Palavras-chave: Língua Estrangeira. Ensino. Documentos oficiais. Pedagogia Histórico Crítica.

RESUMEN: Los objetivos de este artículo son reflexionar sobre el enfoque principal de la enseñanza de lenguas extranjeras que subyace la construcción de la práctica docente presente en los documentos oficiales que rigen la educación brasileña; comprender, a la luz de la pedagogía histórico-crítica, el impacto de los fundamentos psicológicos y las teorías lingüísticas presentes en el enfoque de la planificación de lenguas extranjeras; Analizar desde los fundamentos que contribuciones la pedagogía histórico-crítica puede aportar a la enseñanza, específicamente, a la planificación de lenguas extranjeras. Para ello, a través de una mirada a la Pedagogía Histórico-Crítica y a la Psicología Histórico-Cultural como referencia teórica, busca traer aportes para pensar la enseñanza de lenguas extranjeras desde la concepción del trabajo educativo y cómo es da bajo la guía de los enfoques actuales de idiomas extranjeros disponibles para los maestros. Entendiendo que una contribución teórica es fundamental para la construcción intencional de una práctica pedagógica que aborde una formación humanizadora, exponemos esta reflexión para señalar las implicaciones que las referencias teóricas traen a la enseñanza de lenguas extranjeras, al desarrollo de los estudiantes de Educación Básica.

Palabras clave: Lengua Extranjera. Enseñanza. Documentos oficiales. Pedagogia Histórico-Crítica.

¹ Docente do Instituto Federal do Paraná, campus Palmas. Graduada em Letras, Mestre em Letras e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4587-0646>.



INTRODUÇÃO

O que nos motivou a desenvolver este trabalho inicialmente foi a experiência como docente de língua estrangeira na Educação Básica, especialmente de língua espanhola, na qual deparamo-nos com uma situação recorrente: a desvalorização que os alunos imprimem à aprendizagem de língua estrangeira. Para uma grande parte, aprender língua estrangeira era menos importante que aprender português, história, matemática, etc.

Em nossa experiência como docente, observamos que os materiais didáticos disponíveis aos estudantes de língua estrangeira nas escolas, em sua maioria, eram fundamentados em uma determinada abordagem: a abordagem comunicativa. Os conteúdos propostos nas unidades dos livros eram sempre representados por temas cotidianos: festa de aniversário, infância, roupas e vestimentas, numerais, cores, nome dos animais, etc. Assim, as percepções que eles construíam a respeito da língua estavam bastante articuladas às experiências com a língua estrangeira, isto é, ao modo como essa língua foi apresentada a eles ao longo da educação básica. A desvalorização à importância da língua estrangeira estava, portanto, bastante ligada à abordagem utilizada predominantemente pelos docentes de língua estrangeira. Deste modo, neste artigo as reflexões realizadas intentaram a compreensão da relação da prática docente e aquilo que a norteia, a abordagem. Nossas reflexões nos levaram a uma compreensão, por sua vez, mais ampla sobre as implicações das orientações dadas aos docentes daquilo que deve fundamentar o ensino da língua estrangeira. Tais implicações são impactantes à medida que constatamos que a educação que se vislumbra nos documentos oficiais atualmente não está alinhada à função precípua da educação: a humanização.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nosso trabalho estará centrado no olhar para a abordagem que mais aparece hoje como norteadora da prática pedagógica presente nos documentos oficiais da educação básica brasileira. Uma abordagem é constituída por teorias de linguagem e teorias psicológicas que definem e orientam o papel do professor e do aluno, os métodos, os objetivos, os conteúdos a serem desenvolvidos na aula (Sánchez, 2009). É a abordagem de ensino de língua estrangeira, doravante LE, que define o papel do professor, do aluno, a concepção de linguagem e como a língua será usada, a partir de qual perspectiva e quais as condições necessárias para a aprendizagem. Sem que esses conhecimentos estejam coerentemente voltados intencionalmente para o desenvolvimento das potencialidades deste estudante, dificilmente o docente terá condições de organizar uma prática que contribua para formação humanizadora desse aluno. Na verdade, essa prática pode, sim, ao contrário, legitimar, inconscientemente, ao professor uma percepção de ensino de LE que se limita a vê-la como mero instrumento de comunicação com finalidade utilitarista: viagem de turismo, mercado de trabalho, etc.

Para Almeida Filho (2011), é a Abordagem Comunicativa de ensino de LE a que tem mais espaço de divulgação no cenário de formação de professores de LE, a que tem mais expressão na indústria de didáticos e na pesquisa sobre o ensino de línguas. Mas o que é a Abordagem Comunicativa? De modo bastante resumido, trazemos as explicações de um estudioso de LE. Para Nunan (1998 apud Raizer; Yokota, 2016, p. 58), essa abordagem propõe a língua como comunicação, sendo o mais importante não as formas linguísticas, mas a interação, a comunicação apropriada no contexto. O foco desse ensino não está no ensino das formas, mas o uso por meio de procedimentos que



simulem as ações do cotidiano. Vale apontar aqui que os fundamentos psicológicos da Abordagem Comunicativa estão no Construtivismo.

O Construtivismo, bastante conhecido na educação brasileira, é uma teoria psicológica que tem como um de seus grandes representantes -mas não único- Jean Piaget. Para essa teoria psicológica, quando trazida para o contexto da educação, o papel do professor é o de desencadear situações-problema interagindo com o aluno como um facilitador, assim, não é o conteúdo, ou o conhecimento científico trazido pelo professor, o mais importante da aprendizagem é a interação sujeito-objeto, com o meio e da “construção adaptativa que cada pessoa realiza” (Arce, 2005, p. 50). Em outras palavras, o mais importante é o processo de significação desse “conhecimento” pelo aluno com base na sua experiência cotidiana.

Os estudos de Duarte (2011) apontam que o “conhecimento”, para a perspectiva construtivista, por sua vez, não é selecionado para a sala de aula a partir da relevância social, cultural, mas do cotidiano do aluno de onde vêm seus interesses e os quais a escola deveria valorizar. Para isso, a aula seria uma cópia desse “mundo real”. Entende-se, nesta teoria, que se deve valorizar esse mundo real, pois a criança já traz experiências anteriores à sala de aula. Avaliar esse aluno significaria valorizar o processo de significação desse conhecimento, sendo o erro parte importante desse processo (Miranda, 2005).

Vale afirmar que essa abordagem de ensino de língua vai de encontro, isto é, conflitua, com aquilo que entendemos acerca da função da educação escolar, dos conteúdos, das disciplinas escolares, uma vez que estamos orientados pela Pedagogia Histórico-Crítica. Na seção abaixo, discutiremos como entendemos a função da

educação e, portanto, de que modo o conhecimento deve ser tratado na educação escolar e que conhecimento deve fazer parte do currículo, da formação do indivíduo na Educação Básica.

Antes disso, contudo, precisamos destacar que, embora, neste artigo, não nos centramos no mais atual documento da educação brasileira (está previsto este estudo para breve) que rege, inclusive, a construção do currículo do qual faz parte a língua estrangeira, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), este estudo contribuirá ao docente da área no sentido de esclarecer e reafirmar qual é a função precípua da educação e dos conteúdos escolares ensinados nas dos diversos componentes curriculares da Educação Básica. Essa função parece ter se perdido em todos esses documentos oficiais, sejam os Parâmetros Curriculares, as Orientações Curriculares e a BNCC, a qual vemos como uma mera continuidade -travestida de inovação- daqueles documentos em termos de perspectiva teórica, equívocos teóricos e implicações negativas ao desenvolvimento das novas gerações ao negar a elas aquilo que parece óbvio como função da escola: ensinar os conteúdos mais elaborados pela humanidade.

O CONHECIMENTO QUE É ESSENCIAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Vejamos agora como entendemos o ensino dos conteúdos escolares, no caso, o ensino de língua estrangeira a partir de nossos aportes teóricos. Assim, traremos, na sequência, alguns apontamentos e reflexões acerca de como o ensino de LE é proposto na Educação Básica por meio de seus documentos oficiais.

Na Pedagogia Histórico-Crítica, entendemos que o papel do conhecimento transmitido na educação escolar é humanizar as novas gerações. Isso significa que a atividade docente deve se constituir como



uma atividade mediadora ao disponibilizar às novas gerações os signos, a cultura humana, ou os conhecimentos clássicos, nas palavras de Saviani (2013).

De modo bastante apertado, de acordo com os fundamentos psicológicos da Pedagogia Histórico-Crítica, isto é, a Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento da linguagem deflagrou profundas mudanças no comportamento humano, contribuindo na transformação das suas expressões espontâneas em expressões volitivas orientadas pela consciência. A consciência é a imagem subjetiva da realidade objetiva (Martins, 2016). Essa transformação da consciência, da imagem do mundo, foi possível graças à palavra, ao signo dos signos. A palavra é um instrumento por meio do qual o psiquismo adquiriu um funcionamento qualitativamente superior.

Esse desenvolvimento permite a cada indivíduo, em dadas condições concretas de vida, a inteligibilidade sobre o real. Daí o entendimento da essencialidade papel dos conhecimentos na formação dessa nova geração ao disponibilizar o acervo cultural humano. Os estudos da Psicologia Histórico-Cultural, apontam que tal desenvolvimento não acontece por transmissão biológica. Trata-se de um desenvolvimento que ocorre por meio de um processo mediado, a educação.

Desta forma, a educação escolar, por meio dos conhecimentos clássicos – os científicos, artísticos e filosóficos-, possibilita às novas gerações apropriar desses conhecimentos e objetivar suas capacidades psíquicas. De acordo com Saviani (2013), apenas os clássicos, que são conhecimentos essenciais e científicos, permitem aos indivíduos compreender, para além das aparências, a sociedade em que vivem na sua totalidade, ao mesmo tempo em que objetivam suas aptidões alçadas na apropriação dos conhecimentos das gerações

anteriores.

Portanto, para essa teoria, não é o cotidiano o centro do trabalho docente, mas o conhecimento mais elaborado, o clássico.

Vemos, então, a partir daí, que as teorias que amparam a Abordagem Comunicativa, majoritariamente presente nos livros didáticos, nas capacitações de docentes, de acordo com Almeida Filho, estudioso de grande projeção no ensino de línguas estrangeiras no Brasil, está na contramão do que entendemos como função da Educação Básica. Isso porque, como vimos, na língua estrangeira, a abordagem comunicativa não se orienta a partir da apropriação do conhecimento mais elaborado, mas na comunicação relativa ao cotidiano. Assim, língua estrangeira deixa de ser o meio para a apropriação do conhecimento mais elaborado produzido pela cultura expressa na língua estrangeira estudada e, assim, compreende a cultura humana em sua totalidade, para se tornar apenas um instrumento de adaptação às necessidades diárias desse futuro trabalhador, seu ambiente de trabalho.

O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS

Tendo esses fundamentos como nossas referências, à luz deles, buscamos levantar e refletir acerca da abordagem disponível aos docentes, mais precisamente, tratamos da Abordagem Comunicativa, uma vez que é a mais expressiva no ensino de línguas atualmente. Para isso, tomamos como fonte de nossos dados documentos oficiais tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e as Orientações Curriculares do Ensino Médio (OCEM), além de estudos que nos chamaram a atenção quanto ao tratamento do tema, tais como o trabalho de Couto (2016), Moretto; Feitoza (2019), Almeida Filho (2011), entre outros.

Vale apontar que nesses estudos acerca do ensino de língua estrangeira na Educação



Básica, sobretudo, Ensino Médio, as bases psicológicas que amparam a abordagem, bem como a prática pedagógica, estão alicerçadas no Cognitivismo, baseadas, portanto, nos estudos da Psicologia Genética, de Jean Piaget. É o caso da Abordagem Comunicativa de ensino de Línguas Estrangeiras, uma das principais que norteiam o trabalho docente (aparece em maior frequência nos livros didáticos, nas produções científicas, etc.).

Assim, metodologicamente, organizamos as leituras dos documentos citados, fazendo um levantamento inicial acerca de qual (is) concepção(ões) de linguagem estão amparados, que abordagem de ensino de língua estrangeira está indicada a alicerçar a prática pedagógica docente e qual seria o papel do professor para a abordagem indicada nos documentos. Segue um quadro, desenvolvido neste trabalho, com o levantamento e apontamentos reflexivos acerca desses dados: (vide quadro 1 no apêndice deste artigo).

IMPLICAÇÕES DAS ABORDAGENS PROPOSTAS

Em nossas breves reflexões, levaremos em conta apenas estas três unidades que são recortes selecionados a partir das já citadas fontes: concepção de linguagem e conteúdo, papel do professor e a proposta com base nos gêneros discursivos para superar a limitação da abordagem comunicativa proposta por Couto (2016).

Há que se destacar que essas unidades foram selecionadas a partir da categoria trabalho educativo da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC):

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e,

de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (Saviani 2013, p.13).

A partir da concepção do trabalho educativo pensado pelo filósofo brasileiro compreendemos a educação como um fenômeno humano, um trabalho não material, cuja intencionalidade está voltada ao desenvolvimento das máximas capacidades desenvolvidas pelo gênero humano historicamente por meio do ensino dos conhecimentos mais elaborados, os clássicos. Para tanto, metodologicamente, o ensino desses conteúdos essenciais à humanização dessas novas gerações deve ser dosado e sequenciado de maneira adequada ao desenvolvimento. Para a PHC, cujas bases filosóficas estão no Materialismo Histórico Dialético, cada indivíduo nasce pertencente à espécie humana, mas apenas se humanizará ao se apropriar e objetivar, tornar órgãos da sua individualidade, as capacidades típicas humanas.

Ao observarmos nos documentos oficiais acima as suas bases e as características da abordagem comunicativa, entendemos que parece haver em todos eles, como tendência geral, um distanciamento acerca da concepção do que seja o papel da escola como aquela que visa ao desenvolvimento das aptidões humanas nas máximas possibilidades já alcançadas pelo gênero humano e à compreensão da sua sociedade em sua complexidade por esse estudante.

A abordagem comunicativa, ao privilegiar apenas os textos envolvidos em situações cotidianas e que devem apenas fazer sentido - de forma que o estudante deve mostrar-se capaz de produzir texto coerente, mostra que sua preocupação está voltada para o uso da língua pelo estudante, que é visto como um aprendiz de LE, -usando o jargão da área-, o intuito é que ele se aproprie adequadamente do código linguístico de modo a poder atender às demandas comunicativas do dia a dia na sociedade globalizada, isto é, que



apenas se adapte ao seu cotidiano – tal como alertam Duarte (2016) e Oliveira (1996) sobre os interesses dessa sociedade.

Para essa abordagem, não parece vislumbrar-se que esse aprendiz, que está na Educação Básica, é um indivíduo em processo de formação de suas aptidões humanas por meio do conhecimento de uma língua estrangeira. Logo, consideramos que esse distanciamento da função da educação escolar se deve ao fato de que, essencialmente, o objetivo dessas propostas que aparecem em documentos oficiais da Educação Básica tais como os PCN e as OCEM é dotar os indivíduos das capacidades ou competências necessárias ao cotidiano da sociedade em que vivem, desconsiderando suas contradições. Isso implica que não há um olhar que ultrapasse o pragmatismo cotidiano na concepção de educação presente nesses documentos. O conhecimento do qual ele se apropria não permite que ele compreenda a sua sociedade além das suas aparências, não permite que compreenda o seu funcionamento, a sua estrutura, as suas contradições, como se formam, por exemplo, os preconceitos, as injustiças etc.

Há estudiosos do ensino da LE tal como Couto (2016), que parece acreditar que os PCN podem superar esse pragmatismo por meio do ensino da língua estrangeira com base na abordagem comunicativa se o docente utilizar como conteúdos os gêneros discursivos, associando uma perspectiva enunciativo-discursiva. No entanto, consideramos, em nossa investigação, que essa reforma seja ainda insuficiente para superar o fato de que ainda não se chegaria àquilo que estamos defendendo para a educação, isto é, que esse estudante, principalmente, o das escolas públicas, oriundo da classe trabalhadora brasileira, aproprie-se de conhecimentos mais elaborados, que foram historicamente acumulados por meio do estudo de uma

língua estrangeira, de modo a compreender as bases, a estrutura da sua sociedade, desenvolvendo uma inteligibilidade sobre o real, desenvolvendo sua inteligência (Martins, 2016).

Vimos que a teoria psicológica, a qual ancora a Abordagem Comunicativa e que subsidia o que será ensinado, como será ensinado, qual deve ser o papel do professor, qual deve ser o papel do aluno é o Construtivismo. Assim, o que se prevê para o horizonte da língua estrangeira é parecer superficial e pouco importante para o aluno, já que o que está em vista é mais importante o processo, o cotidiano e não o conhecimento. Por isso, compreendemos que uma das implicações do baixo status que vivencia a LE é o pouco interesse do estudante. Enquanto em História, Física, Literatura se aprendem, de fato, conhecimento, na LE, o aluno entende como a hora da brincadeira, do descanso, do lúdico, entendendo isso, como algo negativo. Em síntese, a abordagem colabora no reforço de uma percepção de que a LE é a disciplina escolar que trata do cotidiano e não tem função de ultrapassar a superfície da realidade desse estudante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que pareça uma teoria muito sedutora ao se portar, na sua aparência, como aquela que propicia uma relação de ensino-aprendizagem mais dinâmica e “real” com o conhecimento, na verdade, em essência, como vimos, em relação ao que ela entende como papel do professor, o que ensinar e como ensinar, ela nega tanto o papel do conhecimento científico quanto o papel do professor como uma atividade mediadora responsável por disponibilizar os conhecimentos científicos à apropriação das novas gerações.

Em síntese, a Abordagem Comunicativa circunscreve às novas gerações ao ensino de um senso comum, de uma sabedoria popular,



tal como critica Arce (2005). A escola torna-se uma experiência que é uma extensão da vida em família, do clube, e, portanto, nega-se o conhecimento ao professor e ao aluno. O conhecimento deixa de ser um direito e passa, nesse contexto, a ser um privilégio (de poucos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, A. **A formação de professores sob a ótica construtivista: primeiras aproximações e alguns questionamentos.** In: DUARTE, Newton. Sobre o Construtivismo. Campinas: Autores Associados, 2005.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, DF: Ministério da Educação, 1997.

BRASIL. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio)

COUTO, L.P. **Didática da Língua Espanhola no Ensino Médio.** São Paulo: Cortez, 2016.

DUARTE, N. **Vigotski e o aprender a aprender: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana.** Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

_____. **Os Conteúdos Escolares e a Ressurreição dos Mortos.** Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

FILHO, J.C. P. A. **Fundamentos de Abordagem e Formação no Ensino de PLE e de Outras Línguas.** Campinas/SP: Pontes Editores, 2011.

LEONTIEV, A.N **O desenvolvimento do psiquismo.** Centauro: São Paulo, 2005.

LURIA, A. R Vigotskii. In: VIGOTSKII, L.S; LURIA, A.R; LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 2010.

MÁRKUS, G. **Marxismo e Antropologia.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2015.

MARTINS, L.M. **Fundamentos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica.** In: PAGNONCELLI,

C.; MALANCHEN, J.; MATOS, N.S.D. (Orgs.) **O trabalho pedagógico nas disciplinas escolares: contribuições a partir dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica.** Campinas/SP: Armazém do Ipê, 2016.

MARX, K. **O Capital.** São Paulo: Nova Cultural, 1984.

MIRANDA, M. G. de. **Pedagogias Psicológicas e Reforma Educacional.** In: DUARTE, Newton. Sobre o Construtivismo. Campinas: Autores Associados, 2005.

MORETTO, M. ; FEITOZA, C.J. **A proposta da BNCC para o trabalho com a língua portuguesa: o eixo análise e reflexão linguística.** In: Eutomia. Recife, 23 (1), jul-2019, p 69-87.

OLIVEIRA, B.. **O trabalho educativo: reflexões sobre paradigmas e problemas do pensamento pedagógico brasileiro.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

RAIZER, P. B. ; YOKOTA, R. **Reflexões sobre a situação do ensino de espanhol LEC e Análise do Planejamento de Curso de Um Manual para Crianças.** In: BARBIRATO, R.C.; SILVA, V.L. T. (Orgs.) Planejamento de Curso de Línguas: Traçando Rotas, Explorando Caminhos. Campinas/SP: Pontes Editores, 2016.

SÁNCHEZ, A. **La enseñanza de idiomas en los últimos cien años: métodos y enfoques.** Madrid: SGEL, 2009.

SAVIANI, D **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

_____. **Da inspiração à formulação da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Os três momentos da PHC que toda teoria verdadeiramente crítica deve conter.** Revista Interface, v. 21, nº627, 2017, p 11-23.



APÊNDICE

* Quadro 1

<p>1. Conteúdos a serem ensinados em Língua Estrangeira e abordagem de ensino de Línguas: reflexão sobre a língua e produção a partir de uso cotidiano</p>	<p>Documentos: A OCEM e os PCN não concebem o ensino de língua estrangeira como circunscrito a estruturas gramaticais (requisito do método audiolingual) de língua nem às concepções comunicativas de linguagem (as que estão em voga hoje tanto na formação do professor nos cursos de Letras quanto no ensino da LE na Educação Básica presentes, inclusive, em livros didáticos em boa parte da produção científica sobre o ensino de línguas.):</p> <p>De acordo com os PCN's:</p> <p><i>[...] o trabalho de análise e reflexão sobre a língua é imprimir maior qualidade do uso da linguagem [...] por meio de situações didáticas [...] focadas na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação, como caminho para tomar consciência e aprimorar o controle sobre a própria produção linguística (Brasil, 1997, p. 31).</i></p> <p>Nesses documentos, pensando especificamente em relação aos conteúdos e temas tratados nas aulas de LE, de modo geral, não são apontados conteúdos linguísticos, mas, no caso da OCEM temas geradores voltados para a transversalidade e letramento orientados para o cotidiano dos estudantes. Tanto as OCEM quanto os PCN's indicam o texto falado ou escrito como grande conteúdo estruturador do ensino.</p> <p><i>Seguindo uma linha do ensino comunicativo, tendo a preocupação de preparar os alunos para a comunicação em Línguas Estrangeiras em contextos significativos, achamos que se deva ter um inventário desses, pois pode haver mudanças segundo necessidades/relevâncias regionais. No entanto, sugerimos que seja seguido um raciocínio como o que parte de contextos de uso graduados em termos de sua complexidade de interação. Por exemplo, podem-se contemplar desde contextos simples, como a troca de informações e apresentações pessoais, até contextos mais complexos, como aqueles necessários para oferecer ajuda e/ou orientações a turistas nas regiões do país onde tal situação é relativamente comum (Brasil, 2006, p.120).</i></p> <p>Sobre a escrita, por exemplo, a OCEM orienta a práticas de produção</p>
---	---



<p>1. Conteúdos a serem ensinados em Língua Estrangeira e abordagem de ensino de Línguas: reflexão sobre a língua e produção a partir de uso cotidiano</p>	<p>atinentes ao cotidiano e que permitam ao indivíduo comunicar-se utilizando os diversos instrumentos e linguagens da sociedade de seu tempo:</p> <p><i>Ainda sobre as práticas de linguagem a serem desenvolvidas em Línguas Estrangeiras, mais uma vez as pesquisas nos informam que a escrita ganha relevância no aprendizado de idiomas [...]. Não seria uma escrita voltada à produção de textos jornalísticos, argumentativos ou acadêmicos, conforme o ensino “clássico” dessa habilidade. Seria mais semelhante a uma prática escrita conforme a concepção já apresentada de letramento, ou seja, de usos contextualizados da língua, que desenvolve escrever e responder mensagens, corresponder-se com outras pessoas pela Internet. Por exemplo, uma escrita que representa, muitas vezes, uma “conversa escrita”. O advento da computação e da Internet demonstra ter uma grande influência na expansão da atividade escrita. (Brasil, 2006, p. 121)</i></p> <p>O enfoque comunicativo, base dos documentos oficiais sejam os PCN’s, a OCEM, concebe a linguagem por uma perspectiva funcionalista. O intuito é ensinar a LE para o uso e com base no uso da língua estrangeira do mundo real. Os conteúdos tratados dependem, sobretudo, do método: baseado em tarefas ou apoiado em tarefas. Nos primeiros, não são previamente os conteúdos definidos para o planejamento linguístico, mas, sim, as tarefas que o indivíduo deve saber realizar por meio dos textos orais ou escritos para adquirir a competência comunicativa, para se fazer compreensível em situações reais. No segundo, são definidas as tarefas com base nos conteúdos linguísticos, semânticos, mas o objetivo é praticamente o mesmo, que é a competência comunicativa do estudante de LE.</p>
<p>2. Papel do professor</p>	<p>Para o ensino comunicativo expresso na OCEM:</p> <p>De modo sucinto, o papel do professor é organizar situações em que o estudante utilize a língua estrangeira por meio de textos orais ou escritos o mais próximo do mundo real e em situações cotidianas. O importante é produzir um texto com sentido. O foco da aula não está na apropriação dos conteúdos linguísticos. O professor é um facilitador da aprendizagem tal como propõe o fundamento psicológico construtivista dessa abordagem.</p>



3. Interacionismo e Gêneros discursivos

Nos PCN's e na OCEM, na área de linguagens, propõe-se um ensino com base nos *Gêneros Discursivos em uma perspectiva interacionista, enunciativa- discursiva* na qual a linguagem se materializa em textos orais e escritos, determinados por elementos históricos, sociais e culturais. Os fundamentos dessa teoria de gêneros discursivos estão em Bakhtin e Vigostski, segundo os documentos.

Uma abordagem a ser ressaltada é aquela proposta pelo interacionismo. A despeito das especificidades envolvidas na produção, na recepção e na circulação de diferentes textos, bem como dos eventuais conflitos e mal-entendidos entre os interlocutores, tais estudos defendem que todo e qualquer texto se constrói na interação. Isso porque assumem alguns princípios comuns no que toca ao modo de conceber a relação entre homem e linguagem, homem e homem, homem e mundo. Sem procurar esgotar tais princípios, pode-se dizer que o mais geral deles é o de que é pela linguagem que o homem se constitui sujeito. Os efeitos desse princípio para a compreensão do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem são perceptíveis em vários aspectos [...] (OCEM, 2006, 23)

Vale destacar um equívoco existente na maioria dos estudos que se reportam a Vigotski como um autor interacionista. Os estudos realizados por Vigotski nunca foram por ele ou por pesquisadores de seu grupo como interacionistas, mas como Psicologia Histórico-Cultural (Luria, 2010). Embora não tenhamos o foco em desenvolver essa discussão neste artigo, somos levados a suspeitar que a compreensão equivocada das bases teóricas desses documentos em relação à sua fundamentação psicológica em Vigotski, tido como sendo interacionista, enquanto o autor é Histórico-Cultural, leva a uma compreensão equivocada do que esses documentos estejam compreendendo sobre o trabalho educativo no ensino de língua estrangeira em relação ao conteúdo ensinado, à relação professor-aluno, ao tipo de mediação que a educação deve proporcionar ao desenvolvimento deste indivíduo, uma vez, que os estudos de Vigotski, de bases filosóficas marxistas, apontam na direção oposta à compreensão cotidiana e adaptativa



3. Interacionismo e Gêneros discursivos

a essa sociedade cujas relações sociais, para a maioria dos indivíduos, são excludentes, sendo o conhecimento mais elaborado, condição *sine qua non* para esse indivíduo compreender e superar a realidade em sua complexidade, e não apenas fazer parte dela, adaptar-se a ela, replicando-a acriticamente por meio de produção de textos orais ou escritos – ainda que bem intencionados.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).